

## Televisão

# Invenções não tiram fascínio de 'Chernobyl'

Série que acaba na 6ª toma algumas liberdades, mas isso não importa

Henry Fountain / NYT

A primeira coisa a ser compreendida sobre a minissérie da HBO, *Chernobyl*, que conclui sua corrida de cinco partes na sexta, 7, é que muito é inventado. Mas aqui está a segunda e mais importante: isso realmente não importa.

A explosão e o incêndio no reator da Unidade 4 de Chernobyl em 26 de abril de 1986 foi um evento bastante confuso e sombrio, uma bomba radioativa "suja" em uma escala para a qual ninguém – certamente nenhuma pessoa na União Soviética – estava preparado. Continua sendo o pior desastre na história da energia nuclear, matando mais de 30 pessoas inicialmente (e mais nos anos que se seguem, embora os números sejam muito controversos) e espalhando a contaminação radioativa por grandes áreas do território soviético e europeu.

No período de pânico que veio logo após, e nos meses de crise e confusão até acabar, sete meses depois, o sarcófago de concreto e aço que sepultou os restos letais do reator, os heróis e vilões são contados em cenas, e o elenco de apoio em centenas de milhares.

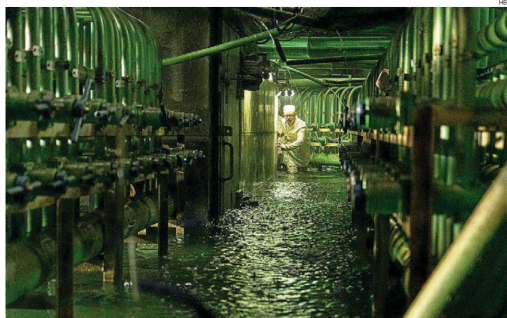
Os produtores da minissérie não atenuaram o desastre (às vezes, a sangüinolência vai longe demais: as vítimas da radiação em geral ficam cobertas de sangue por algum motivo). Em vez disso, simplificarão. Eles deixam o desastroso em paz, mas as exigências de Hollywood e dos orçamentos de produção pesaram sobre a parte complicada.

Isso não quer dizer que não existam muitos toques de verossimilhança. A cena do telhado, na qual os recrutados têm apenas alguns segundos para atirar detritos radioativos no chão, é tão sobrenatural quanto deve ter parecido para aqueles que lá estiveram há três décadas. E a sala de

controle da Unidade 4 ficamente recriada, desde os mostrados das barras de controle nas paredes até os casacos brancos e as tampas usadas pelos operadores – quando visitei a sala de controle adjacente à Unidade 3 há cinco anos, tive de usar a mesma estranha roupa, que mais parecia apropriada para uma padaria do que uma usina nuclear.

Mas, se você não soubesse muito sobre Chernobyl, poderia ser desculpado se, depois de assistir, pensasse que toda a resposta e limpeza foram feitas por duas pessoas, Valery Legasov e Boris Sheherbina, auxiliados por uma terceira pessoa, Ulana Khomyuk.

Você também poderia ser perdoado se pensasse que todos eram personagens reais. Legasov e Sheherbina eram reais, embora seus papéis tivessem sido distorcidos e amplificados para



Tragédia. Produção da minissérie não atenua o desastre, mas deixa o desagradável em paz

atender à necessidade do roteiro de manter coisas em movimento. Khomyuk, de sua parte, foi totalmente ficcional, e suas ações foram a credulidade, desde viajar a Chernobyl, sem ser convidada, para investigar o acidente até estar na presença de Mikhail Gorbachev no Kremlin, não muito depois.

Os produtores mencionam com alguma trivialidade no final a l... que e Khomyuk era um personagem criado para representar todos os cientistas que ajudaram a investigar o desastre. OK. Mas grande parte do resto de *Chernobyl* também recebe o tratamento simplista de Hollywood.

Há os bravos bombeiros condenados, que ignoram os perigos da radiação que encontram (embora ninguém tenha escalado os destroços do reator, como retratado na série; eles es-

tavam trabalhando no telhado para evitar que o incêndio se espalhasse para a Unidade 3, não danificada). Os corajosos garimpeiros, trazidos para escavar sob o reator para impedir o colapso, se despidendo para fazer o trabalho (a série não diz isso, mas seu trabalho acabou em grande parte sendo a troca de nada). Os pilotos de helicóptero, práticos e diretos, arriscam-se a ser contaminados pela doença da radiação ao despejar suas cargas de chumbo, boro e areia sobre o reator (embora um helicóptero tenha caído, matando sua tripulação, esse foi um acidente que aconteceu meses depois, e a radiação nada teve a ver com isso).

Eu poderia continuar. Nem me deixe começar a falar sobre a luz azul do reator exposto brilhando no céu noturno no primeiro episódio. Sim, os meios nucleares podem produzir uma tonalidade azul, a partir de algo chamado radia-

ção Cherenkov, mas não, não há como a Unidade 4 parecer com o "Tributo à Luz" em Lower Manhattan no aniversário de 11 de setembro.

No final, porém, nada disso realmente conta. Isso porque a minissérie parte de uma verdade básica – que o desastre de Chernobyl foi mais sobre mentiras, enganos e um sistema político em decomposição do que sobre má engenharia ou péssimo gerenciamento e treinamento (ou, ainda, se a energia nuclear é inerentemente boa ou má).

*Chernobyl* é sombria apenas em parte em função de toda destruição e morte. A necessidade de mentir constantemente (ou lidar com as mentiras dos superiores) pesa sobre seus personagens tanto quanto todo o chumbo lançado sobre o reator. Sim, essa verdade básica também é simplificada, especialmente no episódio final, que retrata o julgamento de três funcionários de usinas de energia.

Eu não quero comentar muito sobre tais cenas, embora deva lembrar que o termo nerd "coeficiente de reação positivo" – uma das falhas de projeto do reator – foi pronunciado. As cenas têm muita tensão e estão entre as melhores da minissérie. Mas elas parecem mais tiradas das cenas de filmes sobre tribunais americanos do que da jurisprudência soviética. A ideia de alguém falar a verdade ao poder nessa corte parece tão improvável quanto qualquer outra coisa em toda a *Chernobyl*.

Os espectadores podem se afastar de *Chernobyl* percebendo que, juntas, pessoas e máquinas podem fazer coisas horríveis – como criar uma catástrofe nuclear para a eternidade. Se eles também soubessem o suficiente para entender o que, nesse caso, tal resultado era mais culpa de um governo e de seus burocratas, tanto melhor. / TRADUÇÃO DE CLAUDIA BOZZO

## Cinema Em cartaz

# 'Dias Vazios', a narrativa de uma juventude angustiada

Filme de Robney Bruno Almeida fala do sofrimento dos jovens numa cidade do interior que lhes parece sem perspectivas

Luiz Zanin Oricchio

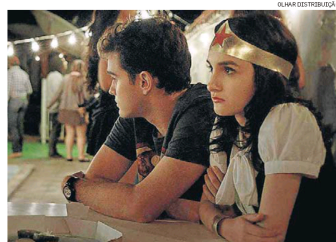
Nas primeiras cenas de *Dias Vazios*, de Robney Bruno Almeida, vemos uma sala de aula quase sem alunos. Nela, apenas Daniel (Arthur Ávila) folheia um caderno e conversa com a namorada, e Fabiana (Nayara Tavares). Eles se amavam e o amor não deu muito certo. Fabiana sumiu. E Daniel escreve seu li-

vro para tentar descobrir o que aconteceu com a moça, e também com o rapaz.

Há um exercício de metalinguagem aí, um relato dentro de outro relato. Daniel investiga um casal e, ao mesmo tempo, reproduz, com a namorada, situações vividas pelos outros. Dá-se, então, uma circularidade da narrativa, com o espectador dividido entre o que "de fato" aconteceu e a descrição romanesca de Daniel. Trata-se de um artifício narrativo nesse filme adaptado do romance *Hoje Está um Dia Morto*, de André de Leonos (2005). Essas idas e vindas entre os dois planos não im-

pedem que o espectador entre na história e nela permaneça. Caso aceite o jogo, será premiado com certo adicional de estranheza que pode tornar a narrativa ainda mais atraente.

A maior parte da trama se desenvolve em torno dos dois casais jovens. E da freira interpretada por Carla Ribas, atriz notável. Ela é diretora do colégio e se empenha em aconselhar os alunos através de conversas. Os diálogos entre freira e alunos são pontuados por silêncios, impasses e certa agressividade. Como se, de fato, não funcionassem e o abismo de gerações fosse outro fator agravar as condições de uma juventude realmente em falta de utopias que dessem sentido às suas vidas. O tom é de mal-estar absoluto.



Sem destino. O tom do filme é de mal-estar absoluto

## Sem Intervalo

Eliana Silva de Souza

**MUNDO FANTÁSTICO**  
Com estreia marcada para dia 26 de julho, no Amazon Prime Video, a série *Carnival Row* (foto) é protagonizada por Orlando Bloom e Cara Delevingne. O drama fantástico se passa em um mundo de fantasia, da época vitoriana, e é repleto de criaturas mitológicas, que tiveram suas terras invadidas pelo homem. Agora em um mundo de escuridão e proibidas de viver, amar e voar, começam a ter esperança quando um detetive humano e uma fada refugiada recendem uma relação amorosa. Inicialmente, *Carnival Row* estará disponível na versão original em mais de 200 países.

**HISTÓRIAS MUSICAIS**  
O canal Bis exibe nesta quinta-feira o filme *Amor e Ódio* (foto).



## Plano diabólico

'A Dona do Pedaço'. No capítulo de sábado, 8, após se encontrar com Maria da Paz (Juliana Paes), Régis (Reynaldo Gianecchini) vai até a fábrica de bolos e a surpreende com um buquê de flores.

gou a Belém para gravar com dois artistas locais, Dona One e Felipe Cordeiro.

**PELO MEIO AMBIENTE**  
A Globoplay terá em seu catálogo no mês de julho a série *Aruanas*, que é um thriller protagonizado por Leandra Leal, Debora Falabella, País Araújo e Thainá Duarte. As atrizes vivem três amigas que são ativistas ambientais, fundadoras de uma ONG de defesa do meio ambiente. Produzida pe-

la Globo e pela Maria Fariña Filmes, obra é escrita por Estela Renner e Marcos Nishi, com direção artística de Carlos Manga Jr e direção-geral de Estela Renner. O roteiro é assinado por Pedro Barros, que conta com parceria técnica do Greenpeace. Também estão no elenco, Camilla Pitanga, Luiz Carlos Vasconcelos, Bruno Goya. Série tem dez episódios e se passa na fictícia Cari, cidade do interior do Amazonas.

**DO CINEMA PARA A TV**  
A plataforma de streaming Now divulgou filmes que estarão em seu catálogo no mês de junho. Entre os mais de 40 títulos anunciados, destaque para *Capitã Marvel*, *De Pernas pro Ar 3*, *Hellboy*, *Dumbo*, *A Morte de Dá Parafina 2*, *Se a Rua Beale Falasse* e *Nise: uma Estrela*. Versão *Estendida*.

**DIRETO NO STREAMING**  
O filme *Uma Criança como Jake*, que é dirigido por Silas Howard, e tem no elenco Claire Danes, Jim Parsons e Octavia Spencer, foi lançado esta semana diretamente nas plataformas de streaming do Google Play, YouTube, NET Now, Vivo Play e iTunes.

## Filmes na TV

### DESTAQUE



**Os Renegados/Sans Loi ni Toit**  
(França, 1985). Direção e roteiro de Agnès Varda, com Sandrine Bonnaire, Macha Méril, Stéphane Freiss, Yolande Moreau.

### Luiz Carlos Merten

Dedicado à escritora Natália Sarraute, longa de Agnès Varda retrata a França 'de baixo' – imigrantes, prostitutas, marginais. A atriz Sandrine Bonnaire vive Mona, que cai na estrada para viver sua vida sem lei nem teto. Quando o filme começa, já está morta, mas flash-backs recriam sua trajetória. Varda sem pre-filme movida por seu interesse pelo outro.

T.CULT. 22H. REP. COL. 105 MIN.

**X-Men Wolverine/ X-Men Origins Wolverine**  
(EUA, 2009). Dir. de Lance Hood, com Hugh Jackman, Danny Huston, Liv Ullmann, Lynn Collins, Ryan Reynolds, Taylor Kitsch.

Nesta quinta, 6, em que estreia o novo *X-Men – Fênix Negra*, a TV paga resgata o primeiro filme dedicado ao mutante. Na cronologia geral da franquia é anterior a *X-Men – O Filme*, embora feito depois. Reveja, e constatae como o vilão Striker rouba a cena. E atenção para um certo Deadpool/Reynolds.

FOX. 18H10. REPR. COLORIDO, 107 MIN.

### Segundas Intenções/ Cruel Intentions

(EUA, 1999). Dir. de Roger Kumble, com Sarah Michelle Gellar, Ryan Phillippe, Reese Witherspoon, Selma Blair, Sean Patrick Thomas.

A versão teen de *As Ligações Perigosas*, adaptação do romance de Choderlos de Laclos. Ricos e mimados, os irmãos Kathryn/Sarah Michelle e Sebastian/Phillippe fazem de tudo para seduzir Anette/Reese, após ela dizer que permanecem virgem até o casamento. Elenco jovem garante interesse.

TCM. 20H10. REPR. COLORIDO, 99 MIN.